

JOSÉ FÁBIO BARBOSA DA SILVA: GAY, ARTISTA, SOCIOLOGO: DESAFIOS A ARTE/EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

JOSÉ FÁBIO BARBOSA DA SILVA: GAY, ARTIST, SOCIOLOGIST: CHALLENGES TO CONTEMPORARY ART/EDUCATION

Fábio José Rodrigues da Costa¹ (URCA)
Fábio Wosniak² (Apotheke/UDESC-GPEACC/URCA)

RESUMO

Este texto aborda aspectos da vida e da obra do artista e sociólogo José Fábio Barbosa da Silva. Buscamos investigar acerca da sua produção estética e teórica, como sendo um pioneiro nos estudos sobre a homossexualidade masculina na cidade de São Paulo, conforme aponta Fry e Green (2005). Também discutimos, sobre sua invisibilização no cenário das Artes Visuais, questionamos tal apagamento com vistas a sua relevante participação em Bienais. Com quase nenhuma memória acerca do seu trabalho, este texto se apresenta como um estudo introdutório, mas que lança debates para pesquisas futuras e indagações sobre a prática artística LGBTI+ e dissidentes sexuais e de gênero no cenário nacional. Como uma pesquisa em andamento, concluímos que de certa forma uma resistência homossexual sempre existiu no Brasil, mesmo antes da entrada dos estudos queer no universo acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE

José Fábio Barbosa da Silva; Práticas artísticas LGBTI+ e dissidentes sexuais e de gênero; Artes Visuais e Arte/Educação.

ABSTRACT

This text addresses aspects of the life and work of the artist and sociologist José Fábio Barbosa da Silva. We seek to investigate about his aesthetic and theoretical production, as a pioneer in studies about male homosexuality in the city of São Paulo, as pointed out by Fry and Green (2005). We also discuss about his invisibilization in the Visual Arts scenario, questioning such erasure with a view to his relevant participation in Biennials. With almost no memory about his work, this text is presented as an introductory study, but it launches debates for future research and questions about the artistic practice of LGBTI+ and sexual and gender dissidents on the national scene. As a research in progress, we conclude that in some ways a homosexual resistance has always existed in Brazil, even before the entrance of queer studies in the academic universe.

KEYWORDS

José Fábio Barbosa da Silva; LGBTI+ artistic practices and sexual and gender dissidentes; Visual Arts and Art/Education.

O núcleo central é o respeito à diversidade: diversidade dos códigos culturais; diversidade biológica, gerando as expectativas de equilíbrio ecológico; diversidade de interpretações e de leituras da arte. Este nucleamento na diversidade nutre-se do interesse pelas manifestações estéticas das minorias e pela ideia de arte como uma produção que deve ser estudada tendo-se em vista seu contexto cultural.

Introdução

Nosso imaginário sobre os estudos e pesquisas voltados a população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais – LGBTI+ e dissidentes sexuais e de gênero no Brasil, apesar de ser recente e que só a partir da teoria *queer* tenha ganhado espaço nas universidades, nos apontam caminhos múltiplos para fazeres investigantes.

Seria um equívoco nosso pensar que a história, a trajetória e a memória sobre essa população antecedam as primeiras abordagens que darão contornos aos estudos *queer* no Brasil? Estaríamos tão focados no presente que deixamos de lado membros de nossa população que causaram rupturas na estrutura normativa e heteronormativa no interior da pesquisa acadêmica? Só nos interessa práticas artísticas LGBTI+ e dissidentes sexuais e de gênero nas artes visuais que tematizam questões de gênero, sexo e sexualidade? Há lugar no ensino de arte/artes visuais para artistas LGBTI+ e dissidentes sexuais e de gênero que não tratam de tais questões?

Partindo destas indagações, este artigo se propõe a apresentar um recorte da investigação sobre o artista José Fábio Barbosa da Silva (1934 -) que ganhou notoriedade nas últimas décadas por ter sido o primeiro gay a pesquisar sobre a homossexualidade masculina na cidade de São Paulo dos anos de 1950, assim como por ter sido orientando de Florestan Fernandes, porém pouco se conhece na atualidade sobre o artista.

Nos caminhos de James Green

Recentemente encetamos uma expedição em busca do artista José Fábio Barbosa da Silva (1934 -), logo após descobrirmos que o sociólogo tão procurado por James Green, antes de iniciar sua vida acadêmica, seus estudos no campo da Sociologia e ser orientando de Florestan Fernandes, tenha primeiro passado por uma formação artística que o levou a configurar como um pintor modernista dos anos de 1940/50.

Como o historiador James Green, nosso interesse era conhecer, ler, estudar e analisar as contribuições do tão comentado e pioneiro trabalho acadêmico sobre o homossexualismo na cidade de São Paulo defendido em 1960 pelo sociólogo José

Fábio Barbosa da Silva. Para nossas pesquisas vinculadas a linha de pesquisa Arte/Educação para uma educação dissidente, do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA, essa investigação viria a somar com a trajetória, memória e história da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais e intersexuais (LGBTI+) de nosso país. Portanto, nos debruçaríamos na primeira pesquisa de natureza sociológica sobre o tema e sobre parte dessa população residente na cidade de São Paulo da década de 1950.

Acreditávamos que uma análise sobre as(os) LGBTI+ e dissidentes sexuais e de gênero desde uma perspectiva sociológica desenvolvida nos anos de 1950 traria contribuições importantes para nossas pesquisas sobre as práticas artísticas LGBTI+ e dissidentes sexuais e de gênero, além de nos apontar quais eram as pautas levantadas por esta população nesse período histórico e quais suas vinculações e articulações com as questões do presente.

A primeira pista sobre o sociólogo e sua pesquisa acessamos no *Prefácio à 2ª edição* do livro *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, de James Green, publicado pela Editora Unesp em 2019. No prefácio assinado por Renan Quinalha (p. 14) é destacado o pioneirismo da pesquisa realizada por José Fábio Barbosa da Silva.

Quando a obra veio a público, os estudos dedicados a este tema nas universidades ainda eram poucos e incipientes. As exceções eram trabalhos como o estudo sociológico pioneiro de José Fábio Barbosa da Silva, defendido em 1960 sob orientação de Florestan Fernandes e posteriormente recuperado pelo próprio James, e as pesquisas de Peter Fry nas décadas de 1970 e 1980, que estimularam a exploração destes temas na antropologia, com ecos importantes nos trabalhos de Edward MacRae, Nestor Perlongher, Carmen Dora Guimarães, dentre outros e outras (QUINALHA, 2019, p.14).

Ainda no livro encontramos na página 29 outra pista, quando James Green agradece a José Fábio Barbosa da Silva, que “generosamente cedeu-me as cópias originais de seu estudo sociológico pioneiro sobre a homossexualidade em São Paulo.”

Nosso desejo em ter acesso ao estudo nos levou a uma busca na internet inserindo o nome do sociólogo no buscador e aí encontramos outra pista em uma publicação online do Jornal da UNESP com a notícia: *Um trabalho pioneiro sobre homossexualismo - Livro publica pesquisa feita em São Paulo (1958), além de textos de importantes especialistas no assunto*. A notícia veiculada na edição de julho de 2005 e assinada por Oscar D'Ambrosio, informava do lançamento do livro *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*, organizado por James Green e Ronaldo Trindade, ocorrido no “seminário Olhares sobre a homossexualidade: cidadania e diferença”, realizado no Centro Universitário Maria Antonia, em São Paulo, em 27 de maio. (Figura 1)



Figura 1: Print, site da UNESP, 2020. Fonte <<https://www.unesp.br/aci/jornal/202/homossexualismo.php>> Acesso em 20 ago. 2020

No conteúdo da notícia, duas novas pistas sobre o sociólogo, onde uma delas nos conduziria a busca pelo livro, então lançado em 2005.

O volume publica o primeiro trabalho acadêmico moderno sobre homossexualidade no Brasil, escrito em 1958 pelo sociólogo José Fábio Barbosa da Silva, hoje professor da Universidade de Notre Dame (EUA). O texto, até agora inédito, foi defendido, em 1960, perante uma banca formada por Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso como monografia de um curso de especialização na USP (JORNAL DA UNESP, 2005).

A segunda pista mencionava que James Green teve indícios da pesquisa de José Fábio Barbosa da Silva na edição de abril de 1979 do jornal Lampião da Esquina.

Professor da Brown University, em Rhode Island, James Green conta que obteve pela primeira vez informações sobre a pesquisa de Silva no jornal *Lampião da Esquina*, de abril de 1979. “Começou ali uma busca de detetive por esse trabalho pioneiro e inédito, que publicamos agora, em 2005, acrescido de outros textos que discutem e atualizam o ensaio”, diz (JORNAL DA UNESP, 2005).

Essa pista nos levaria a busca pelas edições do jornal e ao site do Grupo Dignidade de Curitiba – PR e uma de suas ações através do Centro de Documentação Prof. Dr. Luis Mott. Através do site localizamos as edições do jornal disponibilizados em PDF e acessamos a Edição 11 de abril de 1979 que teve como título de capa *Lesbianismo, Machismo, Aborto, Discriminação – são as mulheres fazendo política* (Figura 2).



Figura 2: Print da capa da edição 11, abril de 1979 do Jornal *Lampião da Esquina*
Fonte <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/15-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-11-ABRIL-1979.pdf>> Acesso em 20 ago. 2020.

Na página 17, localizamos o ensaio *Homossexualismo: duas teses acadêmicas*, assinado por Reginaldo Prandi (Figura 3). A partir do ensaio, dado que ainda não tínhamos o livro publicado por Green e Trindade em 2005, mais uma pista nos chegou que foi saber que o José Fábio Barbosa da Silva não residia no Brasil e sim nos Estados Unidos.



Figura 3: Print da página 17 da edição 11 de abril de 1979 do Jornal Lampião da Esquina. Fonte <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/15-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-11-ABRIL-1979.pdf>> Acesso em 20 ago. 2020.

O ensaio de Prandi (1979) menciona o artigo "Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo, do sociólogo José Fábio Barbosa da Silva e publicado pela revista Sociologia, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (volume XXI, nº 4, outubro de 1959). Traz ainda o desaparecimento de uma tese que seria publicada no Boletim nº 13 da Cadeira de Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 1964 do sociólogo (Figura 4).

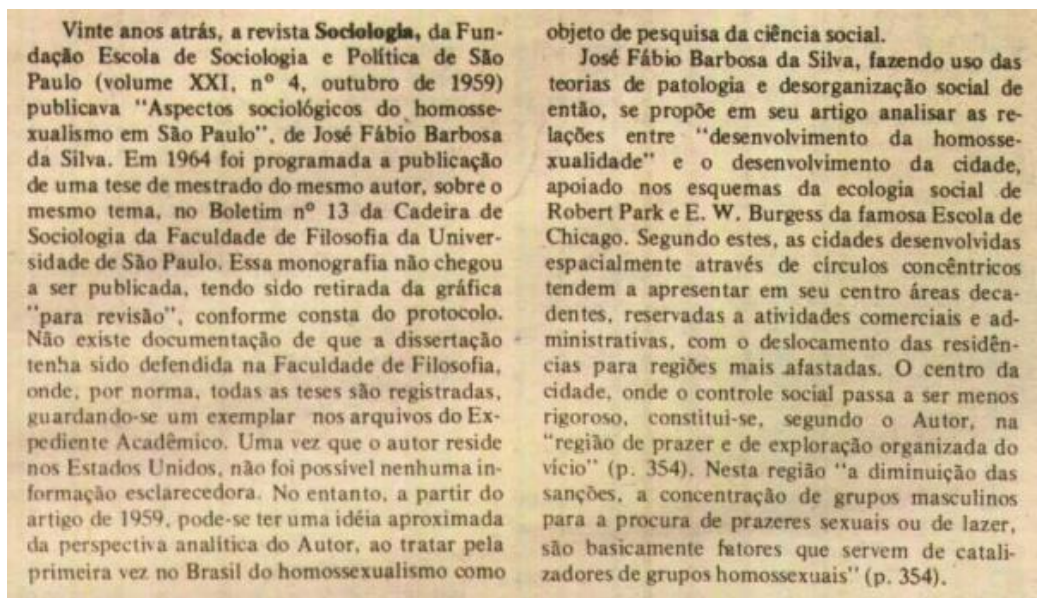


Figura 4: Print do ensaio *Homossexualismo: duas teses acadêmicas*, Ronaldo Prandi. *Jornal Lampião da Esquina*, edição 11, abril de 1979. Fonte <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/15-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-11-ABRIL-1979.pdf>> Acesso em 20 ago. 2020.

Na verdade, o artigo menciona a pesquisa de José Fábio Barbosa da Silva, porém não nos oferece muito, pois segundo o autor a mesma havia desaparecido. Nos perguntamos sobre o desaparecimento do trabalho e tardaríamos um pouco para entender o que havia ocorrido, algo que veio a ser respondido quando adquirimos o livro *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*.

Foi por meio de um site que reúne livreiros e sebos do Brasil que adquirimos o livro, portanto, enfrentamos o tempo de espera e a ansiedade para nos debruçarmos sobre seu conteúdo. No prefácio assinado por Peter Fry nos aproximamos de outras pistas sobre o suposto desaparecimento, ou melhor, dos argumentos de Fry sobre possíveis razões que sugeriram por um longo período que a pesquisa havia desaparecido. Segundo Fry (2005, p. 9): “Durante anos a fio, os estudiosos da homossexualidade no Brasil sabiam da existência do que se supunha ser uma dissertação de mestrado de José Fábio Barbosa da Silva...” e continua: “Sabiam também que a dissertação teria sido orientada por Florestan Fernandes e defendida perante uma banca examinadora composta pelo próprio Florestan, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso. Mas antropólogos não são historiadores e nada fizeram para localizar a misteriosa tese”.

Fry atribui ao historiador James Green a saga para localizar o trabalho, pois buscou nos principais arquivos da USP e Unicamp sem lograr êxito. No entanto, surgiu uma nova pista para Green que foi dada por Edward McRae ao mencionar que José Fábio Barbosa da Silva residia nos Estados Unidos e era professor na Universidade de Norte Dame, localizada em *South Bend*, Indiana. Após contato por email e, posteriormente por telefone, Green por fim terá acesso ao trabalho do sociólogo sobre a homossexualidade em São Paulo dos anos de 1950.

Para nossa surpresa, ainda no Prefácio, descobrimos que a primeira pesquisa de José Fábio Barbosa da Silva foi sobre o Padre Cícero, algo que nos chamou atenção dado que um dos autores desse artigo é professor da Universidade Regional do Cariri – URCA desde 1998 e a universidade possui campus nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Campos Sales e em Iguatu que constituem a região centro-sul do estado do Ceará. Na Apresentação do livro, James Green relata sua peregrinação em busca do trabalho pioneiro destacando que:

Fui à USP procurar os vestígios da existência dessa dissertação no catálogo de teses registradas na universidade. Nada. Perdi-me buscando o velho prédio da Escola de Sociologia e Política. Consultei seu catálogo. Encontrei! Pensei. Havia uma ficha com o nome Silva, José Fábio Barbosa da. Mas o título me confundiu, pois tratava-se de uma pesquisa feita sobre Padre Cícero e o Juazeiro do Norte. (GREEN; TRINDADE, 2005, p. 19)

A nossa leitura nos aproximou das indagações que Green fez sobre qual a relação entre uma pesquisa sobre Padre Cícero e a homossexualidade na São Paulo dos anos de 1950:

Será que ele colocou esse título no seu trabalho, pensei, só para despistar as pessoas? As antigas teses de mestrado estavam nas prateleiras, lá em cima, da biblioteca da Escola. Sou alto e audaz. Subi, achei, abri. Nada. Padre Cícero mesmo. Nada de bichas paulistanas dos anos 50. (GREEN; TRINDADE, 2005, p. 19)

A leitura das primeiras páginas da Apresentação de Green nos envolvia a cada parágrafo porque também nos despertava para as mesmas indagações: “Notre Dame? Universidade Católica? Achava estranho um jovem sociólogo estudar a homossexualidade no Brasil no final dos anos 50 e depois se tornar professor numa universidade religiosa e conservadora”. (GREEN; TRINDADE, 2005p. 20). Mas curiosamente o mistério parecia acompanhar a pesquisa de Green como estava a provocar em nós. Por fim, James Green tem o primeiro contato com José Fábio Barbosa da Silva e para sua surpresa: “Expliquei-lhe o teor da minha pesquisa, falei do meu livro, do artigo publicado na revista *Sociologia* e da famosa dissertação desaparecida, mas sua resposta foi estranha para mim: Eu tinha esquecido completamente desse trabalho”. (GREEN; TRINDADE, 2005, p. 21)

Ainda na Apresentação do livro, um parágrafo da página 22 não nos despertou muito interesse, embora mais adiante vá se revelar como uma pista importantíssima para os resumos que tomamos logo em seguida:

Visitei Fábio em South Bend, Indiana, berço dos fazendeiros de milho do Midwest, em pleno inverno de 2000. Queria dar-lhe uma cópia do meu livro e esclarecer vários aspectos do seu trabalho. A neve cobria sua casa suburbana americana. Era um dia muito frio. Apresentou-me à sua mãe, com quem vivia havia anos. A decoração da casa era uma combinação eclética de quadros modernos por ele pintados, santos

barrocos de Minas Gerais e aquela arquitetura americana de tantas casas de classe média (GREEN; TRINDADE, 2005, p. 22).

“Fiquei emocionado de ter conhecido um ícone e pré-fundador dos “estudos gays” no Brasil” (GREEN; TRINDADE, 2005, p. 22). Assim, continua Green na Apresentação de seu livro. Nos emocionávamos também com sua narrativa, mas acendia em nós outro sentimento que era o de saber sobre o que parecia ser a existência de um artista.

Não iniciamos uma busca por um suposto artista, pois pensamos que se tratava do sociólogo que pintava. Embora Green afirmasse se tratar de um ícone e pré-fundador dos estudos gays, também não sabíamos se tratar de um homossexual. Portanto, seguíamos interessados nas possíveis contribuições de seus estudos a partir de uma perspectiva sociológica do tema. Com essa compreensão seguimos para a leitura atenta, curiosa e investigativa que a segunda parte da apresentação nos ofereceria. Nesta segunda parte intitulada São Paulo anos 50: a vida acadêmica e os amores masculinos, assinada por James N. Green e Ronaldo Trindade, as referências ao José Fábio Barbosa da Silva como artista nos ofereceram outras pistas, bem como de outros nomes como o do artista Darcy Penteado.

O Artista José Fábio Barbosa da Silva

Como já mencionamos não conhecíamos nem o sociólogo nem o artista. Mas o artista nos levou a outras referências importantes para reafirmar nossa compreensão sobre os apagamentos, silenciamentos, esquecimentos e invisibilidades sobre a história, trajetória e memória que ainda afetam a população LGBTI+ e dissidentes sexuais e de gênero no Brasil. E isso também ocorre quando nos referimos a história da arte e ao ensino de arte/artes visuais. Para Batista e Boita (2018, p. 253-254), ao analisarem o papel dos museus e da museologia destacam que:

O silêncio do Iphan e das secretarias estaduais e municipais barram editais interessados na questão LGBT, inviabilizando a geração de inventários, pesquisas, dossiês ou outras medidas que contemplem nossas comunidades, como se nós não tivéssemos patrimônios próprios e não fizéssemos parte dos demais patrimônios nacionais. Quantos outros patrimônios das comunidades LGBT ainda estão no aguardo de seu reconhecimento e de sua salvaguarda? (BATISTA; BOITA, 2018, p. 253-254).

Green e Trindade (2005, p. 26), ao se referirem a José Fábio Barbosa da Silva, apontam que ele “Tocava piano, instrumento com o qual se afinava e para o qual tinha certo talento. Também gostava de artes plásticas e exibia sinais de outra vocação promissora”. Estes talentos são pouco explorados pelos autores, isso porque o interesse é pelo sociólogo. No entanto, os autores acrescentam que logo após a conclusão do curso de sociologia na Escola de Sociologia e Política em São Paulo, Silva “se voltou para a carreira de artista, escapando para o Rio de Janeiro” (GREEN; TRINDADE, 2005, p. 26).

Ainda segundo os autores, foi na cidade do Rio de Janeiro que o jovem gay, artista e sociólogo teve seu primeiro relacionamento homoafetivo. Na cidade maravilhosa viveu intensamente a agenda cultural da época, retornando para São Paulo, “onde acreditava ser possível manter sua carreira de artista e a vida na academia”. (GREEN; TRINDADE, 2005, p. 27)

Até aqui as pistas que surgiam após cada leitura dos parágrafos não nos ofereciam algo de concreto sobre uma possível trajetória artística de José Fábio Barbosa da Silva. Porém, Green e Trindade (2005, p. 27) mencionam que logo após o retorno de Silva para São Paulo ele teria participado da Bienal de 1954. No entanto, “logo depois percebeu que era impossível manter essa dupla carreira, silenciando, assim, por cinquenta anos, seu talento para a pintura. O retorno para os quadros somente se daria após sua aposentadoria da universidade, em 2001”.

Bienal de 1954? Como duas investigadoras dessas séries de televisão como *Crime Scene Investigation* - SCI nos perguntamos, seria verdade? O que mais podemos achar sobre esta participação? A partir desse momento e diante do contexto pandêmico que nos encontrávamos provocado pela covid-19 (estamos falando do segundo semestre de 2020), como poderíamos encontrar mais referências se as instituições estavam fechadas e nós nos encontrávamos em confinamento?

Recorremos inicialmente ao site da Fundação Bienal de São Paulo, pois sabíamos que os catálogos estavam disponibilizados. Claro que começamos pelo ano de 1954, mas o acervo digitalizado e disponibilizado não consta uma edição da Bienal no ano

ao qual teria acontecido a participação do artista. Sim, colocamos em dúvida de imediato a veracidade da informação, mas não deixamos de consultar os catálogos.

Nossa busca não foi em vão, isso porque localizamos o artista participando e expondo na segunda edição da Bienal ocorrida em 1953. Nesta edição o artista expos dois trabalhos: Composição Indígena e Tema Índio, tendo sido premiado com o prêmio aquisição. Na figura 5, único registro fotográfico que localizamos vemos o momento da premiação, na qual o jovem artista de apenas dezenove anos estaria sentado ao lado de Di Cavalcanti.



Figura 5. Premiação da 2ª Bienal. Com Maria Martins, Tereza d'Amico, Antonio Bandeira, Arnaldo Pedroso D'Horta, Alfredo Volpi, Emiliano Di Cavalcanti, José Fábio Barbosa da Silva, Bruno Giorgi e Robert Tatin. Fonte < <http://www.bienal.org.br/exposicoes/2bienal/fotos/3817>>Acesso em 20 ago. 2020.

Esta não foi a única participação do artista na Bienal de São Paulo. De acordo com os dados disponibilizados pela Fundação Bienal, José Fábio Barbosa da Silva participou das seguintes edições: 2ª Bienal (1953): categoria pintura - Composição Indígena e Tema Índio; 3ª Bienal (1955): categoria pintura – Ponteiro Nº 1, 1954-1955. Esmalte sobre nordex, 100x70; Ponteiro Nº 5, 1954-1955. Esmalte sobre nordex, 100x70 e Ponteiro Nº 7, 1954-1955. Esmalte sobre nordex, 100x70; 4ª Bienal (1957): categoria pintura – Oposição e Variações sobre Diagonal, 1956-1957. Esmalte sobre

ematex duro, 59,5 x 47,5; 6ª Bienal (1961): categoria pintura – Pintura 1, 1960. 69,5 x 120, Pintura 2, 1960. 70 x 150, Pintura 3, 1960. 70 x 120, Pintura 4, 1960. 60 x 120 e Pintura 5, 1960. 70 x 120.

Diante de tamanha participação nos círculos artísticos, a pergunta que nos inquieta é, justamente, sobre a invisibilização do artista nos registros escritos e imagéticos de tais instituições. O que leva a tamanho desaparecimento e apagamento? Talvez esta seja uma pergunta que nos exija mais pesquisa e debruçamento para encontrar a resposta, pois uma suposta ideia de resposta poderia ser leviana e pouco contribui para o nosso trabalho.

A ideia de trazer este artista para o centro de nossas pesquisas já é um “despertar” para questionamentos acerca da produção de artistas LGBTI+ e dissidentes sexuais e de gênero no cenário das artes visuais no Brasil contemporâneo. Encontramos um ponto de partida que já buscava entender a complexa existência de um grupo sexual – homossexual – em uma grande metrópole sem classificações médicas ou jurídicas, como foi o caso da pesquisa do artista/sociólogo aqui mencionado.

Contudo, podemos ponderar que esse “desaparecimento” do artista nos coloca diante de mais um questionamento, onde já é notório que os apagamentos de artistas homossexuais no percurso da História da Arte, ou de sua condição homossexual não ser mencionada atrás da falsa ideia de que o trabalho independe da vida do autor é um pressuposto ideológico para oprimir este grupo social, mantendo e garantindo sua marginalização.

Mesmo esta pesquisa configurada em andamento, podemos observar pelas pistas que ela evoca, sua emergência em trazer à tona este artista e sociólogo que se dedicou em compreender como vivia este grupo social na década de 50 do século XX. Não podemos simplesmente deixar de mencionar este fato na história das pesquisas atuais acerca das sexualidades, no qual vem estudando o Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA na linha de pesquisa Arte/Educação para uma educação dissidente.

Algumas considerações: pistas que conduzem novos rumos à pesquisa

Ao nos encontrarmos com o artista/sociólogo José Fábio Barbosa da Silva e sua produção sociológica e artística, evocamos e reclamamos uma forma/maneira de compreender como as pesquisas sobre as sexualidades vem acontecendo no Brasil. Como nos lembra Colling (2015), o termo *queer*, como uma palavra derivada do inglês, não dá conta de explicar as experiências vividas por nós, brasileiros, dissidentes sexuais e de gênero.

Como observamos, na inexistência de pesquisas e memória sobre a produção estética do artista aqui pesquisado, somos motivados, nesta primeira escrita de trazer à tona a produção de um artista homossexual e sua trajetória no campo das artes visuais, mesmo que de maneira muito introdutória, tendo em vista a dificuldade em encontrar materiais que pudessem marcar um debate mais abrangente sobre a vida e a obra de Silva.

Vale ressaltar que no Grupo de Pesquisa, buscamos compreender a investigação como sendo constituída por um emaranhado de pressupostos, onde os sujeitos são configurados a partir de discursos heteronormativos, brancos, machistas, transLGBTIfóbicos. O que nos coloca diante de modos que sugerem maneiras de fazer pesquisas alternativas, principalmente porque partimos exclusivamente da investigação da prática artística. Isso significa marcar um território em que a Arte se torna um campo de reexistências dentro das estruturas existentes de poder.

O que torna essa maneira de compreender e fazer pesquisa uma experiência de reexistência é justamente seu caráter investigativo de não acabamentos ou resoluções, o que se pretende é buscar novas aberturas e irresoluções, pensando com Buttler (2015), a deriva dessa forma de pensar, cabe justamente porque as identidades são processos sem fim e devires constantes.

Cabe-nos continuar a compreender como um artista e sociólogo produziu uma pesquisa acerca da homossexualidade em plena metade do século XX, descrevendo como esses sujeitos foram compreendidos no contexto histórico que faziam parte, ao mesmo tempo que a identidade de artista participante de Bienais foi apagada da História da Arte brasileira.

A princípio, buscamos orientar este texto em uma investigação acerca do artista gay que produziu pesquisas sociológicas acerca da homossexualidade masculina na cidade de São Paulo, com vistas a provocar novos debates que orientam produções no interior do Grupo de Pesquisa. Os rumos que esta investigação nos provocou e continua ressoando é a de que as práticas artísticas, mesmo naquelas em que a temática gay não aparece, mas em que os artistas se declaram dissidentes sexuais e/ou de gênero produzem instabilidades e indeterminações na esfera das generificações sexuadas impostas pela História da Arte “oficial”.

Assim, percebemos que as práticas artísticas dissidentes sexuais e de gênero desestabilizam e descontrolam os termos pelos quais os sujeitos e suas respectivas identidades são forjados. Como as identidades são construídas, o que as práticas artísticas vêm demonstrando é que tais construções também podem ser reconstruídas, principalmente em formas que subvertem e desafiam as estruturas de poder existentes.

Retomando então, as perguntas que conduziram este texto, podemos lançar a ideia de que já existia, de certa forma uma resistência homossexual no Brasil antes da integração das pesquisas *queer* no universo acadêmico. Neste mesmo ambiente, se configurou um estudo acerca da população homossexual, certo que esta se mantinha exclusivamente a homossexualidade masculina e centrada em um grande centro urbano. Mas existiu tal pesquisa no cenário brasileiro.

Ao mesmo tempo que vimos um problema no que tange a preservação da memória de tais pesquisas neste mesmo cenário. Invasos por teorias estrangeiras, parecemos que tudo é novo e visto exclusivamente sobre óticas únicas destas teorias e a mesma ideia parece ser aplicada à temáticas abordadas pelos artistas. Aqui poderíamos abrir uma nova pergunta, que não temos a intenção de respondê-la no momento, mas apenas de deixar uma outra pista para pensamentos e provocações futuras: o que é uma prática artística dissidente sexual e de gênero?

Agora, sobre o lugar destas práticas no ensino de arte/artes visuais, somos conduzidos a pensar, em um primeiro momento, que tais assuntos começam a ser mencionados nos contextos educacionais brasileiros, mas pouco, ou quase nenhum debate aparece no que tange a práticas pedagógicas dissidentes – abre-se mais uma

lacuna -, que precisa ser rigorosamente pensada e discutida no âmbito da Arte/Educação contemporânea.

Notas

1Coordenador do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes - PROF-ARTES do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri - URCA. Pós-Doutor em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG (2017); Doutor em Artes Visuais pela Universidad de Sevilla - US/España (2007), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE (1999). Líder do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq. E-mail: fabio.rodrigues@urca.br

2Doutor (2019) e Mestre (2015) em Artes Visuais pela UDESC, possui graduação em Pedagogia Habilitação em Supervisão Escolar - UDESC/2012 e Licenciatura em Artes Visuais. Atuou como professor colaborador do IFC - Câmpus Blumenau. Pesquisador nos Grupos de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos (URCA/CE) e Entre Paisagens (UDESC/SC); participante do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC). Editor Associado da Revista Apotheke. E-mail: fwosniak@gmail.com.

Referências

BAPTISTA, J.; BOITA, T. **Por uma Primavera nos museus LGBT: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país.** *Museologia & Amp; Interdisciplinaridade*, 7(13), 252–262, 2018. Disponível em: < <https://doi.org/10.26512/museologia.v7i13.17790>>. Acesso em 20 jun. 2020.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer.** Salvador: EDUFB, 2015.

FRY, Peter. Prefácio. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (orgs).

Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (orgs). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

QUINALHA, Renan. Prefácio. In: GREEN, James N. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Editora da UNESP, 2019.

Um trabalho pioneiro sobre homossexualismo. **Jornal da Unesp**, 2005. Disponível em: <<https://www.unesp.br/aci/jornal/202/homossexualismo.php>> Acesso em 20 ago. 2020.

Homossexualismo: duas teses acadêmicas. **Lampião da esquina**, 1979. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/15-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-11-ABRIL-1979.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2020.

Premiação da 2ª Bienal. Com Maria Martins, Tereza d'Amico, Antonio Bandeira, Arnaldo Pedroso D'Horta, Alfredo Volpi, Emiliano Di Cavalcanti, José Fábio Barbosa da Silva, Bruno Giorgi e Robert Tatin. **2ª Bienal**, 2021. Disponível em: < <http://www.bienal.org.br/exposicoes/2bienal/fotos/3817>>. Acesso em em 20 ago. 2020.